

Baixa dos Sapateiros

PMS	FML	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
Tribuna de Bahia		
Data		
17/05/05		
Caderno	Página	
Pto de vista	5	
Seção		
Assunto		
Baixa		

PONTO DE VISTA

CONSUELO PONDÉ DE SENA*

A degradação da Baixa dos Sapateiros

Dá pena observar o estado atual da rua Drº J.J. Seabra, mais conhecida como Baixa dos Sapateiros cuja decadência acentuou-se nas últimas décadas do século XX. Não que jamais houvesse sido uma via pública elegante e freqüentada por pessoas "nobres" da cidade. Antes foi espaço dos mais pobres, também procurado por parte da classe média, que buscava adquirir mercadorias por preços módicos.

Depreciada e desvalorizada em função da concorrência com outros pontos de venda, especialmente disseminada nos bairros residenciais, sofreu a pulverização dos seus negócios e hoje apresenta aspecto desolador.

Via tortuosa de traçado irregular, constituía-se num fosso natural entre duas linhas paralelas de modestas cumeadas. Antes de ser urbanizada era conhecida como rua da Vala, evidenciando que, antes de tudo, lhe cabia conter as águas do rio das Tripas, nome dado ao riacho após ter sido cavado o vale, pois arrastava na sua correnteza miúdos de gado abatido no matadouro de São Bento.

Não era local adequado à fixação de moradores, antes servindo a outras funções, como, por exemplo, a do abastecimento do que era cultivado nas hortas, a exemplo daquela que nomeia a ladeira de acesso ao largo do mosteiro beneditino.

Dada sua situação, a Baixa dos Sapateiros era constantemente inundada pelas águas pluviais que desciam pelas encostas. Servia de fronteira aos subdistritos de São Pedro, Sé, Santana, Passo, Nazaré e mesmo Santo Antônio.

Nele foram inicialmente construídos prédios térreos, sur-

gindo mais tarde os de mais de um piso, sempre modestos e ocupados por pessoas de condição mais humilde.

Sou do tempo em que a rua era muito ativa e ali existiam, à frente das lojas, toldos de pano enrolados e desenrolados por meio de uma manivela manual. Mais tarde, modernidades foram sendo introduzidas pelos comerciantes, desejosos de conquistar clientela mais abonada, a exemplo das vitrines arrumadas e os anúncios luminosos. Jamais sediou, contudo, escritórios de advocacia, admitindo alguns poucos consultórios médicos, dentre os quais se destacava Drº Aníbal Silvano.

Exaltada pelo compositor mineiro, Ary Barroso, teve seu nome divulgado e popularizado pelo mundo, fato que provocava decepção aos que a visitava, pressuposto de tratar-se de uma rua "chique" e elegante, merecedora de tão significativa homenagem.

Artéria popular por excelência, possuiu um tráfego tumultuado e intenso de veículos, desde os "buzus" e caminhões até as vagarosas "carroças" puxadas a burro. Movimentada e

ruidosa durante todo o dia era uma rua alegre, cheia de cinemas. De certo tempo para cá teve que apelar para os anunciadores, pregoeiros das vantagens oferecidas aos clientes.

Após às 18 horas, quando o fluxo de compradores diminuía e as pessoas regressavam às suas casas, recebia os aficionados do cinema, os freqüentadores do Pax, Aliança e Jandaia, o que dava certa vida ao local.

Conheci-a desde a infância, no tempo em que eram poucos os automóveis da Cidade e andava-se de bonde. Era um "sufo-

co", pois os múltiplos pontos de embarque e desembarque de passageiros atravancavam a rua, paralisando o tráfego.

O público que a freqüentava era constituído de pessoas residentes nos bairros próximos e longínquos das classes populares: pequenos comerciantes, funcionários públicos, bancários, donas-de-casa, estudantes.

Aquela altura, anos de 1940 e 1950, a Baixa dos Sapateiros só perdia em fluxo humano, para a rua Chile, esta a mais elegante, animada e concorrida artéria da Cidade.

O nome Baixa dos Sapateiros surgiu da primeira ocupação dos mestres sapateiros, que nela se concentravam, atendendo à numerosa clientela. Mais tarde o comércio se expandiu em direção à Barroquinha, de um lado, e do outro para o Aquidabã.

Nos anos 1950, contava com cerca de 252 casas comerciais e 114 pontos de prestação de serviços, conforme mencionou Milton Santos, em conferência pronunciada no IGHB, no dia 22 de março de 1957.

Hoje, totalmente abandonada, tem muitas casas de comércio, literalmente fechadas. Definiu tristemente, cedendo lugar aos comércios de bairros e aos "Shoppings" espalhados pelos

quatro cantos da cidade.

Raríssimos bancos ainda resistem nesse local cujos freqüentadores, jamais despertaram o interesse das bem sucedidas empresas de ganhar dinheiro, o diminuto dinheiro, os que pagam muito caro, para não dizer caríssimo, seus inflacionários serviços.

*Consuelo Pondé de Sena é presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e membro da Academia de Letras da Bahia

Não era local adequado à fixação de moradores

Possuiu um tráfego tumultuado e intenso de veículos